

A atuação da Jewish Colonization Association (JCA) no Rio Grande do Sul

A Colônia Philippson¹

IEDA GUTFREIND

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP), professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e presidente do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), Porto Alegre.

RESUMO Episódios recorrentes de hostilidade ou violência aberta contra os judeus, na Europa do século XIX, justificaram a criação de organizações como a Jewish Colonization Association (JCA), responsável pela primeira imigração judaica organizada no Rio Grande do Sul, Brasil, em 1904: a Colônia Philippson. Neste ambiente isolado, estabeleceu-se uma sociedade semelhante ao *shtetl* europeu. As tradições e a religiosidade mantinham a coesão deste grupo étnico. No entanto, a Colônia Philippson teve curta duração.

PALAVRAS-CHAVE Imigração judaica, judeus no Rio Grande do Sul, Barão de Hirsch.

ABSTRACT Recurrent episodes of hostility and violence against Jewish people, in XIXth century Europe, led to the creation of organizations such as the Jewish Colonization Association (JCA), responsible for the very first organized wave of Jewish immigration to Rio Grande do Sul, Brazil, in 1904: the Philippson Colony. In this isolated environment was established a *shtetl*-like society. Tradition and religion kept the unity of this ethnic group. Philippson Colony, however, was short-lived.

KEYWORDS Jewish immigration, Jews in Rio Grande do Sul, Baron de Hirsch.

O JUDEU QUE EMIGROU DA EUROPA A PARTIR DO SÉCULO XIX E NAS PRIMEIRAS DÉCADAS do seguinte – podendo-se dilatar esse período para além do primeiro conflito mundial (1914-1918/19) – está inserido no emaranhado histórico das ideias libertárias, nacionalistas, imperialistas e racialistas que se fortaleciam paulatinamente no Velho Continente. As rivalidades econômicas imbricaram-se às políticas, aumentando a crise social e, limitando-nos ao Império Russo, podemos afirmar que a situação do judeu foi se agravando neste espaço; basta contabilizar que, entre os anos de 1749 e 1881 foram publicados mais de mil decretos e disposições legais restringindo os direitos até então facultados aos judeus.

No período de governo dos dois últimos czares, a situação do judeu no Império Russo estava deteriorada, as perseguições intensificaram-se e as chamadas *Leis de Maio*, de 1882, restringiram ainda mais as *zonas de residência* dos judeus, que perderam suas garantias jurídicas. Não lhes era mais permitido transferir-se para qualquer ponto da zona rural russa, inclusive nos limites da *área restrita de estabelecimento*. Milhares de pequenas províncias e vilarejos foram reclassificados, passando a ser designados como zonas rurais e, conseqüentemente, fechados aos judeus. Centenas de milhares de judeus foram despejados do interior para as cidades, congestionando-as. A comunidade rural judaica ficou à beira da extinção. Estas leis também estabeleciam um número limitado, *numerus clausus*, para o sistema educacional russo. A participação de judeus nas escolas secundárias e nas

universidades foi drasticamente reduzida. Ocorreu a retirada do judeu das profissões liberais e de vários ofícios considerados respeitáveis; as escolas técnicas judaicas foram fechadas e o espaço para o judeu tornou-se ínfimo.

Na década de 1880, ocorreu uma sucessão de saques e de assassinatos coletivos de judeus, os denominados *pogroms*. O resultado desta situação não se fez esperar, iniciando-se uma intensa emigração judaica.

Simultaneamente à degradação da vida judaica russa e a de judeus de outras áreas não apenas na Europa, ocorreram reações de grupos e/ou de indivíduos de origem judaica. Surgiram várias organizações filantrópicas e sobre os judeus que viviam em melhores condições recaiu a responsabilidade de tutelar os demais, quer na preparação da sua emancipação, quer através da intervenção diplomática no caso de perseguições, quer através da educação ou do preparo para a emigração.

Vários episódios contra os judeus demonstraram a necessidade de se criar e organizar associações judaicas. Vejamos algumas delas:

* Em 1859, fundava-se a *Board of Delegates of American Jews*, o que vem atestar a intensidade da emigração para a América, especialmente para os Estados Unidos.

* No ano seguinte, foi criada a *Aliança Israelita Universal* por judeus franceses, com o objetivo de defender correligionários que se vissem ameaçados; a *Aliança* coordenava a luta pela igualdade dos judeus no mundo. Dentre suas atividades, destacamos o auxílio a milhares de judeus que emigravam da Rússia, chegando à cidade de Brody, estação fronteiriça entre a Rússia e a Galícia austríaca.

* Em 1871, com objetivos semelhantes aos da *Aliança*, surgiu na Inglaterra a *Associação Anglo-Judaica*, que, além de outras atividades, dedicou-se à educação judaica, estabelecendo escolas em Bombaim, Tanger e Jerusalém.

* Algum tempo após, fundou-se, na Alemanha, a *Sociedade de Promoção ao Comércio e da Agricultura*, que estabeleceu colônias agrícolas na Rússia para mais de mil judeus. Esta sociedade foi ativa em Xangai, na África do Sul e na América do Sul.

* Em 1891, foi criada a *Jewish Colonization Association* (ICA ou JCA) pelo Barão Maurício de Hirsch e outros associados, visando à criação de colônias agrícolas no Novo Mundo. A JCA surgiu após divergências entre o Barão Maurício de Hirsch e a *Associação Israelita Universal*, acerca das estratégias do projeto de emigração judaica².

Delimitando-nos a esta última associação, o Barão Maurício de Hirsch explicitou sua proposta, na redação da Ata da Associação:

Para asistir y promover la emigración de los judíos de todas partes de Europa y Asia y en particular de aquellos países donde sean sometidos, en este preciso momento, a impuestos especiales, restricciones de los derechos de ciudadanía u otros abusos, y crear y establecer colonias para ellos en distintas partes del mundo, en particular en Sudamérica, para que se dediquen a la agricultura, al comercio y a cualquier otro proyecto de instalar, poner en funcionamiento o ayudar, en cualquier lugar del mundo, a instituciones para la educación y el aprendizaje de oficios, granjas modelo, cajas de préstamos, industrias, fábricas y cualquier otra institución o asociación que a juicio del comité convenga a los judíos y favorezca su emigración y su instalación en cualquier parte del mundo, menos en Europa (artículo 3 del acta)

(FRISCHER, 2004, p. 443).

Introduzindo-se no movimento da segunda metade do século XIX, quando governos e empresas europeias voltaram-se para a colonização de territórios longínquos, a JCA deu início a seu projeto de emigração de judeus da Rússia, criando colônias nos Estados Unidos, no Canadá e na América do Sul, iniciando pela Argentina onde, na última década do século XIX, criou várias colônias.

Após a morte do Barão Maurício de Hirsch, em 1896, a JCA continuou atuando, comprando terras para fixar novas levas de imigrantes na América.

Contemporaneamente à morte do Barão, enviados da JCA já estavam no Rio Grande do Sul, em busca de novas terras. Vastas extensões foram adquiridas para instalar a primeira colônia judaica no extremo sul do Brasil, Philippson (SILVEIRA, 1979).

No jornal *A Federação*, datado de 31 de agosto de 1903, encontra-se a notícia: “*Actos do Governo, Decreto n. 655, aprova os estatutos da Companhia denominada Jewish Colonization Association (JCA), com sede na Inglaterra*”. No documento, o presidente do Estado, Antonio Augusto Borges de Medeiros, atendendo à solicitação do engenheiro agrimensor Eusébio Lapine, representante da JCA, aprovava os estatutos da empresa. No ano seguinte, 8 de novembro de 1904, o mesmo funcionário da JCA solicita à Assembleia dos Representantes do Estado a isenção do direito territorial, alegando que a Associação que representa não tinha fins comerciais, visando somente o interesse humanitário. A decisão do governo gaúcho foi favorável, dando a isenção por um período de cinco anos.

Dezoito de outubro de 1904, segundo a historiografia vigente, é a data da chegada da primeira leva de imigrantes para Philippson. No entanto, o jornal *O Estado Combatente*, de Santa Maria, datado

de 10 de agosto de 1904, noticia que:

[...] no paquete Paranaguá são esperados no Rio Grande 11 [sic] famílias israelitas compostas de 66 [sic] pessoas que se destinam para a primeira colônia dessa nacionalidade fundada neste estado.

É no município de Santa Maria, ocupando a área de uma légua quadrada de terras apropriadas à cultura da vinha, do linho e do trigo [...]. No Rio Grande, o representante da companhia colonizadora israelita, Dr. Hawan [...] tem providenciado pela recepção dos viajantes [...]. Em outros vapores da companhia de Hamburgo chegarão outras turmas de imigrantes israelitas. [...].

No dia seguinte, 11 de agosto de 1904, sob o título “Imigração israelita”, o mesmo periódico comunica que:

Hoje, às 8 horas da manhã, chegaram a esta cidade, em trem expresso, os primeiros imigrantes destinados à colônia israelita Philippson, no Pinhal, neste município. Saíram eles ontem do Rio Grande, chegaram ao escurecer em Bagé e viajaram toda a noite para chegar aqui à hora acima indicada. Estes colonos que são em número de 88 (oitenta e oito) seguiram hoje mesmo para o seu destino, às 9 horas da manhã, em carros da estrada de ferro [...], rebocados por uma locomotiva da estrada Itararé. A esta hora estão já os referidos colonos instalados em suas habitações, dispostos a trabalhar para o engrandecimento material do Rio Grande do Sul, que abre carinhosamente os seus braços a todos os que procuram o seu fertilíssimo solo para empregar a sua atividade.

As duas citações acima são pontuais e indicadoras da necessidade de pesquisas de maior fôlego sobre os empreendimentos da JCA no RS/Brasil. Sabemos que os colonos trazidos para Philippson

vieram em momentos distintos e questões se colocam: 11 de agosto foi a chegada do primeiro grupo? em 18 de outubro teria chegado outro grupo? Ou teria havido um descuido tipográfico do jornal? Quantos grupos e em que período chegaram para ocupar seus lotes em Philippson? Enfim, há que se pesquisar não apenas datas, mas o número de famílias, de pessoas, as suas origens, as atividades que desenvolviam na Europa, o processo de seleção para fazer parte do grupo, as relações da JCA com outras empresas, a existência ou não de experiência agrícola anterior dos colonos que vêm para Philippson; selecionamos apenas alguns aspectos ainda sem estudos de maior profundidade. É um campo que aguarda pesquisas. Igualmente deve ser aprofundada a discussão sobre o caráter filantrópico e/ou empresarial da JCA após a morte do Barão. Estudos recentes (FRISCHER, 2004, p. 406) esclarecem que o Barão de Hirsch tinha clareza na concepção de filantropia. Segundo ele, o velho sistema de *esmola* só produzia mendigos e que à JCA competiria auxiliar, mas aos colonos igualmente caberiam compromissos.

Significativos números de *memorialistas*, descendentes de colonos, relatam em livros suas experiências de vida, baseados apenas na memória. Destacamos Frida Alexander, *Filipson: histórias da primeira colônia judaica no Rio Grande do Sul*; Guilherme Soibelman, *Memórias de Philippson*; Arão Verba, *Resgatando a memória da primeira imigração judaica para o Brasil: colônia de Philippson*; Eva Nicolaiwesky, *Israelitas no Rio Grande do Sul*; e Jacques Schweidson, *Judeus de bombachas e chimarrão*.

A colônia, distante vinte e cinco quilômetros da cidade de Santa Maria, no centro do Rio Grande do Sul (RS) e núcleo central da malha ferroviária gaúcha, recebeu o nome de Philippson em homenagem ao vice-diretor da JCA, também presidente da *Compagnie Auxiliaire des Chemins du Fer au Brésil*, então arrendatária da rede ferroviária gaúcha.

As despesas de viagem, o auxílio em dinheiro ou em mantimentos fornecidos, inicialmente, de acordo com o número de pessoas da família, a gleba de terra, os instrumentos agrícolas, animais e sementes eram de responsabilidade da JCA, bem como as despesas com a administração, escola, funcionários e demais serviços. Aos colonos cabia o ressarcimento à JCA, em longo prazo. No entanto, quando as colheitas eram prejudicadas por secas ou pragas, era facultada aos colonos uma redução parcial ou total dos pagamentos.

Em Philippson os colonos judeus criaram aves, cultivaram vários produtos como amendoim, trigo, batata, feijão, milho, legumes e hortaliças. Alguns colonos trouxeram as técnicas de cultivo do fumo turco (fumo amarelinho), produzindo uma qualidade de fumo superior, que teve grande aceitação. Na colônia, a sinagoga logo iniciou seu funcionamento e também a escola. Neste ambiente isolado, com dificuldades de locomoção, estabeleceu-se uma sociedade semelhante ao *shtetl* europeu; ocorreram casamentos e nascimentos; e as tradições e a religiosidade mantinham a coesão deste grupo étnico. No entanto, a Colônia Philippson teve curta duração. Passados poucos anos, seus moradores dirigiram-se para a cidade próxima, Santa Maria, ou para a capital do estado, Porto Alegre, ou então, para a nova colônia que a JCA fundou poucos anos após, Quatro Irmãos, entre outros locais.

De Philippson, a primeira colônia da JCA fundada no extremo sul do Brasil, resta o cemitério, e alguns poucos descendentes dos primeiros colonos ainda são proprietários de glebas de terras, embora não estejam ali fixados.

NOTAS

1 Parte do artigo encontra-se em Gutfreind (2004b).

2 Dominique Frischer, em *El Moisés de las Américas*, trata em profundidade o assunto.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Frida. *Filipson: histórias da primeira colônia judaica no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Fulgor, 1967.

FRISCHER, Dominique. *El Moisés de las Américas: vida y obra del barón de Hirsch*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2004.

GUTFREIND, Ieda. *A imigração judaica no Rio Grande do Sul: da memória para a história*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004a.

_____. "Imigramos na esperança de uma vida melhor" in WAINBERG, Jacques (org.). *Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004b, p. 13-41.

NICOLAIEWSKY, Eva. *Israelitas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Garatuja, 1975.

SCHWEIDSON, Jacques. *Judeus de bombachas e chimarrão*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1988.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. *As Missões Orientais e seus antigos domínios*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1979.

SOIBELMAN, Guilherme. *Memórias de Philippson*. São Paulo: Canopus, 1984.

VERBA, Arão. *Resgatando a memória da primeira imigração judaica para o Brasil: colônia de Philippson*. s/l: s/e, 1997.

Jornal *O Estado Combatente*, Santa Maria, fundado em 1886. Orgam Imparcial. Colaboração de diversos. Director e proprietário Brinkmann, 11 de agosto de 1904, n. 1243 e 10 de agosto de 1904, n. 1242.